



Agora pode entrar

ARTE As casas da artista plástica Tomie Ohtake e da designer e arquiteta Chu Ming, em São Paulo, recebem duas exposições

POR ANA PAULA SOUSA

Um dos dois estreitíssimos quartos reservados por Tomie Ohtake (1913-2015) para seus filhos na residência da família, no bairro Campo Belo, Zona Sul de São Paulo, ganhou, nas últimas semanas, um novo elemento decorativo: na parede onde fica apoiada a cama de concreto foram pendurados quatro pequenos óleos sobre tela de Paulo Pasta.

Também localizada na Zona Sul da cidade, no Morumbi, a casa de Chu Ming Silveira (1941-1997) foi outra que, recentemente, perdeu os móveis e objetos habituais para receber mais de 50 obras de arte – algumas delas, como as de Lygia Clark, Carmen Herrera, Joseph Beuys e Anish Kapoor, de valores quase inestimáveis.

São alguns os pontos a unir os dois imóveis. O primeiro é que neles moraram duas mulheres de origem asiática: Tomie, artista plástica, nasceu em Kyoto, no Japão, e Chu, arquiteta e designer, em Xangai, China.

Outro fato comum é que elas foram projetadas na mesma época, entre fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, e são representativas do estilo brutalista. Além disso, foram feitas por arquitetos que nelas morariam – a de Tomie foi projetada por Ruy Ohtake (1938-2021), seu filho, e a de Chu por ela mesma.

O terceiro ponto de união, agora, é que

ambas sediarão, a partir do domingo 11, a mostra *Aberto*. Pensada para acontecer em casas icônicas, a *Aberto* teve suas primeiras edições, em 2022 e 2023, num imóvel projetado por Oscar Niemeyer (1907-2012), no Alto de Pinheiros, e em outro assinado por Vilanova Artigas (1915-1985), no Alto da Boa Vista, ambos em São Paulo.

A ida aos dois endereços, como diz uma das curadoras, a designer Cláudia Moreira Salles, não deixa de ser uma experiência imersiva, que “transforma cada casa em uma tela que combina forma e função”. O encontro improvável entre um trabalho de Adriana Varejão e um fogão ou as peças de Tunga a ocupar uma suíte com vista para o jardim causam, no visitante, sensações que, num museu, não seriam as mesmas.

Se isso acontece é também porque, de repente, entre aquelas paredes de concreto, vão se deixando antever as trajetórias e as próprias crenças em um certo modo de viver de duas mulheres

A mostra *Aberto* leva, aos dois espaços, obras de nomes-chave da produção contemporânea

que, no século XX, ousaram inventar.

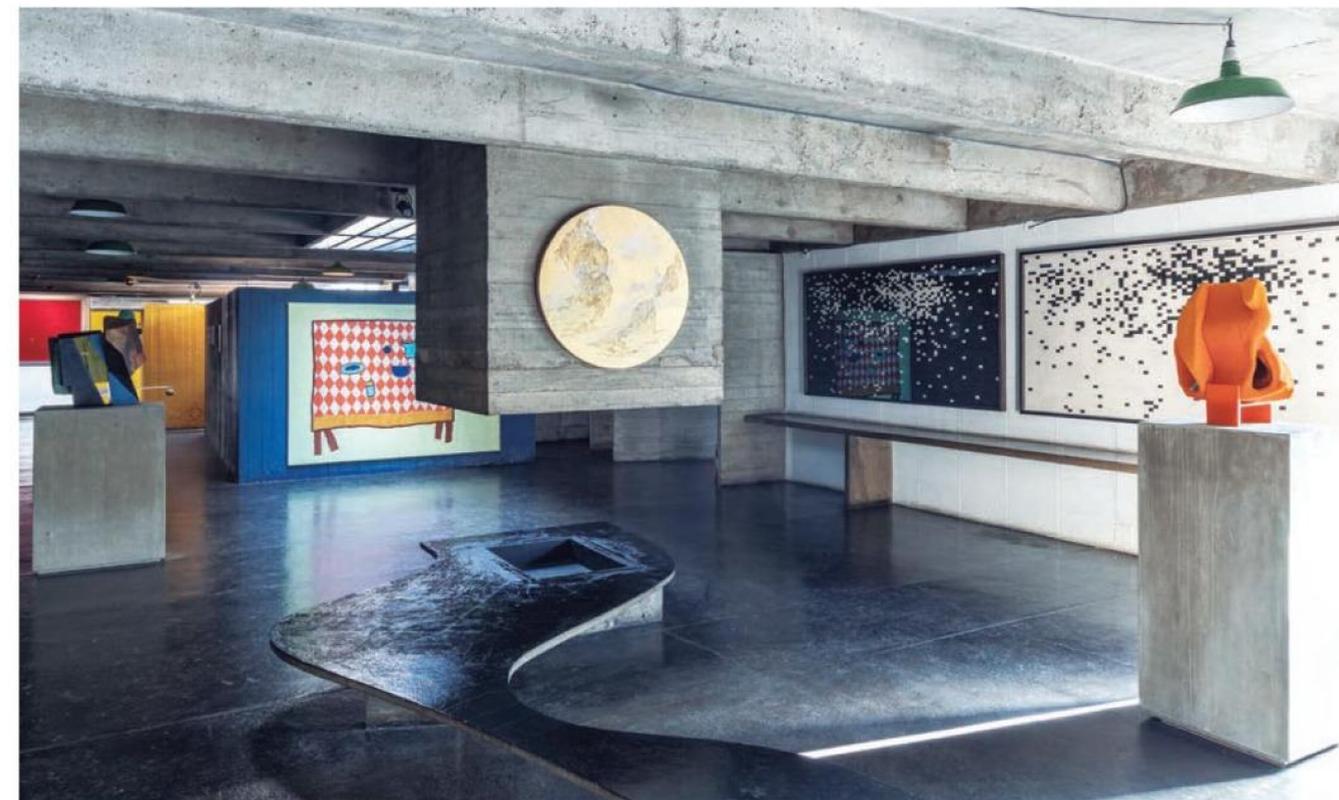
A casa de Tomie, por exemplo, além dos quartos superpequenos, onde cabiam apenas as camas, quase não tem portas.

E Rodrigo Ohtake, filho de Ruy e neto da artista, conta que a avó, nos últimos dez anos de vida, dormia no ateliê, não mais em seu quarto. É, inclusive, no ateliê que está exposto seu último quadro, uma pintura toda branca, sem formas e com pouca textura, produzida em 2014.

Nesse mesmo espaço estão dispostas as cerâmicas que ela ganhou da amiga Kimi-ni; a gravura a ela dedicada por Amélia Toledo; e outra, acompanhada de um “feliz aniversário”, feita por Ana Bella Geiger.

Além do marcante jogo de luz e sombra, chama atenção, na casa, o teto de concreto, de apenas 2,10 metros de altura. É Rodrigo quem conta que esse pé-direito condiz com uma ideia que Ruy tinha à época. “Ele dizia que o nosso olhar é horizontal e que, por isso, o teto mais baixo propicia aconchego”, diz Rodrigo, que também é arquiteto. Segundo ele, a residência, de 1968, funcionou também como laboratório para que seu pai, então um jovem arquiteto, experimentasse os vários usos possíveis para o concreto.

Já na casa de Chu Ming, onde ainda mora um de seus filhos – que, no período da exposição, ficará em um hotel –, o que primeiro detém a atenção de quem ali entra é o fato de as paredes não serem



ACERVO/ RUY OHTAKE E ACERVO/ CHU MING SILVEIRA

paralelas. O projeto abraça a irregularidade topográfica característica do Morumbi e não apenas possui vários pontos assimétricos – até uma banheira assim – como tem variados níveis. Não por acaso, as primeiras peças da exposição são umas escadinhas de Lygia Pape.

O que os curadores não ousaram tirar da residência de Chu foi, obviamente, o protótipo do orelhão feito para a Bienal de Arquitetura, nos anos 1970. O orelhão, objeto urbano que, por décadas, compôs o cenário das ruas brasileiras, foi a criação mais famosa de Chu. •

Estilo brutalista. O imóvel onde Tomie morou (acima), no Campo Belo, foi projetado por seu filho Ruy Ohtake. Chu, a criadora do orelhão (à esq.), projetou a própria residência, no bairro do Morumbi.

